



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

IVONETE SOUZA RODRIGUES MAGALHÃES

**“O USO DA TV E DO VÍDEO CONTEXTUALIZADO NA
PRÁTICA DOCENTE”**

Macapá
2012

IVONETE SOUZA RODRIGUES MAGALHÃES

**“O USO DA TV E DO VÍDEO CONTEXTUALIZADO NA
PRÁTICA DOCENTE”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista.

Orientador: André Luiz da Silva Freire

Macapá
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Título do Trabalho: **“O USO DA TV E DO VÍDEO CONTEXTUALIZADO
NA PRÁTICA DOCENTE”**

Autor: IVONETE SOUZA RODRIGUES MAGALHÃES

Defesa: ____ / ____ / _____

Conceito obtido: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Msc. André Luiz da Silva Freire

Prof. Msc. Frederico de Souza Amaro Júnior
2º Membro

Prof. Esp. Mozart Gustavo Freitas Freire
3º Membro

À todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que o presente trabalho pudesse ser concretizado, especialmente aos meus pais que, com grande honra homenageio, agradecendo por todos os ensinamentos que me fizeram a pessoa que hoje sou.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer ao nosso Deus, por nos conceder diariamente o milagre da vida, revelando a beleza de sua misericórdia em cada batida de nossos corações fato que, na maioria das vezes, deixa de ser percebido por nós como inigualável prova de amor.

Agradeço, ainda, aos meus pais por me trazerem ao mundo com muito amor, desprendendo todo zelo com minha criação e educação.

À todos os meus familiares por me ajudarem a viver com amor e respeito ao próximo.

Aos meus professores que, desde a Educação Básica até o Pós-Superior, ensinaram-me o mais verdadeiro e profundo significado do conhecimento como um tesouro inigualável para toda vida!

A educação exige intencionalidade e recusa o espontaneísmo na ação. Mas também se beneficia de um espírito desarmado, disposto a reconstruir e abrir caminhos à força da imaginação.

(ARANHA, 1996, p. 238)

RESUMO

A presente dissertação busca analisar como o uso da TV e do vídeo concorre para o desenvolvimento contextualizado da prática docente, sobretudo, em relação à sua utilização e, principalmente, no que concerne à sua aceitação e/ou rejeição por parte dos professores regentes, vez que muitos resistem à inclusão de tais ferramentas como instrumentos auxiliares de sua prática de ensino, em detrimento de todas as suas potencialidades pedagógicas. Pretende-se buscar uma discussão a cerca do tema proposto, com arrimo teórico no trabalho de Moran (1995), Libâneo (2011), entre outros, articulando inicialmente as considerações históricas e teóricas sobre a relação entre a atividade docente pautada no uso de novas tecnologias da informação e comunicação, por intermédio de análises qualitativas dos resultados coletados durante a pesquisa de campo. Desse modo, procurou-se executar todos os procedimentos indicados pelo rigor científico de maneira a alcançar a pureza nos resultados da pesquisa, ora apresentada neste trabalho. Além disso, partiu-se para a articulação confrontada entre as discussões propostas pelas obras científicas autores utilizados como referência e a experiência profissional da autora da presente peça, obtida em escolas públicas estaduais, desde o ano de 1993. Diante disso, as hipóteses levantadas durante a construção da presente monografia foram comprovadas através pesquisa de campo, onde restou comprovado que parte dos professores se mostra avessa à utilização da TV e do vídeo em suas aulas como ferramentas que podem incrementar as suas estratégias de ensino; outra constatação, foi a de que não existem trabalhos por parte do corpo técnico que mostrem e incentivem tal utilização; os professores não são incentivados a participar de cursos de formação continuada com o objetivo de aprender sobre a utilização da TV e do vídeo como coadjuvantes na tarefa de tornar as suas aulas mais atraentes com o uso de tais ferramentas, além do que muitos alegam não terem tempo para frequentar tais cursos. Nesse sentido, pode-se constatar que a ausência de políticas e normas que incentivem os professores a participarem de cursos de qualificação constituem um grande diferencial entre o ideal e o real em nossas escolas públicas no Estado do Amapá.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 A EVOLUÇÃO DA TV E DO VÍDEO NO CONTEXTO ESCOLAR...	11
1.1 Breve histórico da TV e do vídeo na Educação	11
1.2 A TV e o Vídeo como recursos pedagógicos	13
1.3 O uso do Vídeo contextualizado com os conteúdos disciplinares	16
CAPÍTULO 2 A PRÁTICA DOCENTE NO USO DO VÍDEO	20
2.1 O Educador e sua prática docente	22
2.2 As possibilidades pedagógicas do uso do vídeo	25
2.3 A formação do professor e a preparação para o trabalho com as TICs	28
3 A PESQUISA DE CAMPO E A ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	31
3.1 O trabalho de pesquisa na escola-campo	31
3.2 Os critérios de seleção dos vídeos utilizados pelos professores	33
3.3 A Metodologia de Pesquisa aplicada e os sujeitos da Pesquisa	35
3.4 A análise dos resultados obtidos a partir da coleta de dados	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICES	50

INTRODUÇÃO

Tem-se discutido muito a respeito de estratégias pedagógicas que venham tornar a tarefa de ensinar algo mais fácil e interessante para o aluno como ser em formação, posto que se presencia a todo momento novidades advindas das evoluções das tecnologias invadindo todos os lugares do nosso dia-a-dia na sociedade, inclusive a escola.

Conforme esse pensamento, no intuito de atrair a vontade pela construção do conhecimento significativo, uma das possíveis alternativas reside na linguagem trazida pelo vídeo, uma vez que tem o poder de despertar a sensibilidade das crianças, jovens e adultos e cuja comunicação resulta da mistura de palavras, sinais, gestos e muito movimento, apresentando outras possibilidades para o entendimento dos conteúdos curriculares de maneira mais dinâmica e contextualizada, distanciando-se do gênero estático do livro didático, por exemplo, bem como do aspecto linear das atividades em sala de aula com todas as suas velhas rotinas.

Diferentemente disso, os recursos tecnológicos da comunicação como a TV e os vídeos, são bastante dinâmicos e despertam a curiosidade dos alunos, dando uma nova roupagem às aulas. Sobre esse pensamento, Moran (1995) ensina, com propriedade, que:

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional [p.2].

Essas razões nos remetem ao fato de que o uso do vídeo não deve ser subestimado, em face de sua grande capacidade de tornar os alunos sensíveis e motivados pelo aprendizado, constituindo um importante aliado do professor na tarefa de ensinar.

Desse modo, acredita-se que a sua utilização como ferramenta auxiliar de ensino, dentro de uma perspectiva pedagógica inovadora que inclua o seu uso, deve ser agregado aos temas trabalhados em sala de aula para dinamizar as aulas e

trazer movimento ao que se está sendo ensinado, tornando a aprendizagem mais significativa e prazerosa para o aluno.

Como tema principal dessa discussão, pretende-se mostrar no desenvolvimento do presente trabalho científico, que o uso da TV e do vídeo nas estratégias de ensino pode promover uma dinâmica diferente às aulas, resultando em efeitos altamente benéficos em detrimento de metodologias desbotadas e ultrapassadas usadas por muitos professores resistentes às mudanças impostas a todo o contexto da sociedade atual.

Por essas razões, as novas tecnologias da informação e comunicação, no caso desta pesquisa o uso da TV e o vídeo no contexto da prática docente, constituem uma novidade desafiadora que enseja muitas mudanças no trabalho dos professores, mudanças essas que se referem à adaptações em termos de operacionalização dos equipamentos, ou seja, é preciso aprender a operar adequadamente os referidos equipamentos, além de aprender a trabalhar com programas, assimilando conceitos e linguagens próprias.

Não obstante, existe ainda, por parte de alguns professores, uma grande resistência em abandonar velhos paradigmas metodológicos e ideológicos, onde o aluno era visto apenas como um receptor de conteúdos, funcionando como um assimilador e reproduzidor de conteúdos repassados pelo professor, sem discutir, problematizar, analisar ou refletir sobre eles, ou seja, o professor sabia tudo e o aluno não sabia nada, recebia tudo pronto e devia apenas repetir tudo o que ouvia do professor.

Felizmente essas práticas metodológicas vem sendo substituídas em face das exigências do mundo moderno, onde a demanda por pessoas críticas, criativas e dinâmicas cresce em função dos novos modelos de produção resultantes das relações econômicas surgidas em nossa sociedade.

Dentro dessa ótica, Libâneo (2011), em relação às linhas de ação didáticas e pedagógicas compatíveis com propostas educacionais de natureza emancipatória, destaca a “aprendizagem do pensar criticamente, implicando o desenvolvimento de competências cognitivas do *aprender a aprender* e instrumentos conceituais para interpretar a realidade e intervir nela”.

Com efeito, articular-se-á abordagens sobre o uso da TV e do vídeo contextualizado na prática docente em meio ao desenvolvimento de novas fórmulas

metodológicas pela escola de hoje. Dessa forma, o primeiro capítulo desta peça científica, pretende articular questões a cerca do processo evolutivo da TV e do vídeo no contexto escolar, historiando os passos de tais mídias, desde o seu surgimento no Brasil até a sua introdução no ambiente escolar como ferramenta auxiliar de ensino nos diversos componentes curriculares.

No segundo capítulo, será visto como o uso da TV e do vídeo pode ser incluído nas práticas docentes, destacando a figura do educador em sua prática pedagógica, bem como as possibilidades pedagógicas do uso do vídeo. Além disso, discute-se a questão da formação do professor e a preparação para o trabalho com as tecnologias da informação e comunicação.

Por fim, o terceiro e último capítulo se detém em detalhar todo o trabalho de pesquisa realizado na escola-campo, mostrando os caminhos metodológicos utilizados para a coleta de dados, descrição dos sujeitos da pesquisa e a análise dos resultados do trabalho com as respectivas conclusões.

CAPÍTULO 1 A EVOLUÇÃO DA TV E DO VÍDEO NO CONTEXTO ESCOLAR

1.1 Breve histórico da TV e do vídeo na Educação

Há pouco tempo atrás as evoluções das tecnologias da comunicação permitiram que o homem pudesse fazer a reprodução de imagens dando origem as fotografias. Depois disso, desenvolveram-se métodos que deram animação a tais imagens resultando nas filmagens, dando origem à televisão.

Pode-se definir televisão¹ como sendo um aparelho munido de um sistema eletrônico de transmissão de imagens e de som, ou seja, áudio e vídeo, de forma instantânea, que funciona a partir da análise e conversão da luz e do som em ondas eletromagnéticas e de sua reconversão em um aparelho, o televisor. Este, por sua vez, recebe também o mesmo nome do sistema ou pode, ainda, ser chamado de aparelho de TV. O televisor ou aparelho de TV capta as ondas eletromagnéticas e através de seus componentes internos as converte novamente em imagem e som.

Na sua incipiência, a televisão, ainda desacompanhada de aparelhos reprodutores de filmagens (vídeos), exibia apenas filmes em preto e branco para entretenimento dos lares. Ela é, sem a menor sombra de dúvida, uma das invenções que mais modificou o modo de vida na sociedade, uma vez que facilita o acesso mais rápido a uma gama de informações com o simples toque em um botão.

Todavia, esse processo de evolução está longe de ser concluído, em face da constante e incessante busca pela melhoria da qualidade de imagem e som e outros recursos presentes nos televisores modernos, possibilitando, inclusive, a interatividade com os expectadores que, por sua vez, passam a figurar no pólo ativo dessa relação.

Segundo informações colhidas no Portal São Francisco², em 18 de setembro de 1950, a TV Tupi de São Paulo, fez a primeira transmissão de televisão do Brasil. Dessa forma, o país foi o quarto a possuir uma emissora de televisão no mundo, depois de Estados Unidos, Inglaterra e França. Algum tempo depois, no

¹ - Informação obtida a partir do site <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-televisao/televisao-3.php>

² - Portal São Francisco, disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-televisao/televisao-3.php>

ano de 1951, foi inaugurada a TV Tupi do Rio. O principal responsável pela transmissão foi o jornalista Assis Chateaubriand, proprietário da rede de empresas de comunicação Diários Associados. Para isso, Chateaubriand importou equipamentos e aparelhos da América do Norte.

Ainda, segundo a mesma fonte, depois da TV Tupi de São Paulo 1950 e da TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1951, começaram a surgir várias outras emissoras como a TV Paulista, no ano 1952 e a Rede Record de Televisão, fundada em 1953 na Cidade de São Paulo, sendo que esta última é a mais antiga televisão brasileira em existência. Ela se tornou uma rede de televisão de alcance nacional a partir de 1990, e está presente em todo o mundo através da Record Internacional. Em abril de 1965, na Cidade do Rio de Janeiro, foi fundada a Rede Globo de Televisão, que se tornou hoje a maior rede de televisão do Brasil, também com alcance em todo o mundo pela Globo Internacional.

Como se percebe, daquele tempo até hoje decorreram cerca de sete décadas e, nesse tempo, a televisão se transformou em uma invenção midiática de alcance mundial, daí a sua importância e força como meio de comunicação de massa. Sobre esse poder dos meios de comunicação, dentre eles a televisão, Libâneo (2011), afirma que:

Está se acentuando o poder pedagógico dos meios de comunicação: televisão, imprensa escrita, rádio, revista, quadrinhos. A mídia especializa-se em formar opinião e modificar atitudes, não apenas no campo econômico e político mas, especialmente, no campo moral. Vemos diariamente a veiculação, a disseminação de saberes e de modos de agir, por meio de programas, vinhetas e chamadas sobre educação ambiental, AIDS, drogas, saúde.

Desde o seu surgimento, a televisão representa um importante veículo de comunicação que possui um potencial muito grande como agente pedagógico, dependendo de sua utilização para o cumprimento de sua função social em benefício da educação, uma vez que a linguagem da TV é facilmente absorvida por ser algo simples em face do predomínio do discurso oral.

Desse modo, a televisão possui uma grande importância como instrumento de comunicação presente na vida social, com o poder de reunir famílias inteiras em sua frente como prova de sua força, chegando a ocupar a maior parte do tempo de crianças e jovens, pelo seu poder de entretenimento e informação, facilitados por sua forma de linguagem simplificada e acessível.

Mas a televisão não é só maravilhas, pois, assim como ela pode contribuir construtivamente educando para o bem, pode servir de forma inversa, principalmente hoje, quando as famílias assumiram novos formatos em função das novas demandas sociais, onde muitas mulheres precisam trabalhar, já que em muitos casos é a única responsável pelo sustento do lar, deixando os seus filhos com outras pessoas ou em creches. Para Libâneo (2011) o lado negativo existe:

Com a perda relativa das funções de socialização sofridas pela escola e pela família, a televisão passa a ser um instrumento cada vez mais poderoso no processo de socialização. Um dos aspectos negativos dessa influência é a tendência à passividade e à dependência das crianças, prejudicando o desenvolvimento pleno de suas capacidades cognitivas e socioafetivas.

Diante disso, a escola deve assumir uma posição firme em relação aos conteúdos televisionados no sentido transformar alunos, em cidadãos críticos e ativos socialmente, ou seja, pessoas que possam analisar e diferenciar os aspectos positivos e negativos trazidos pela televisão.

Por isso, a história da evolução da TV e do vídeo na Educação possui uma dinâmica que permite concluir que a escola possui a importante função de filtrar tudo o que a televisão oferece, aproveitando somente os conteúdos que apresentam relevância pedagógica para o processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, observar a história significa bem mais do que lembrar o que passou, significa, principalmente, aprender com os erros e extrair lições úteis com o objetivo de adequar-se os seus paradigmas metodológicos às exigências da sociedade diante de todas as transformações experimentadas recentemente nos âmbitos sociocultural, político e econômico.

1.2 A TV e o Vídeo como recursos pedagógicos

Neste tópico, discute-se a utilização da TV e do vídeo como recursos pedagógicos, do ponto de vista de sua importância dentro do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, para que exista razão suficiente para a utilização de mídias nas aulas, dentro do âmbito escolar, torna-se necessário que haja uma união entre o conhecimento técnico-operacional de tais tecnologias e a sua utilização pedagógica em sala de aula, ou seja, deve haver a articulação em conjunto do saber

técnico e do saber pedagógico em relação à esses recursos para a produção de um conhecimento que gere benefícios práticos ao processo educacional.

Não obstante, deve-se considerar o aspecto concernente à utilização adequada de cada recurso de acordo com cada situação, uma vez que o uso dessas ferramentas necessita de um planejamento bem articulado para que sejam produzidos os efeitos desejados para alcançar os objetivos propostos no plano de aula, por exemplo. Para isso, Valente (apud ALMEIDA, 2002, p. 4) “como essencial para que a utilização de novas tecnologias em prol de uma melhoria no processo de aprendizagem seja impulsionada a cada momento”.

De fato, é preciso que haja um estudo profundo para que a utilização da TV e do vídeo sejam eficientes do ponto de vista pedagógico, evitando a banalização do seu uso em nome modismos metodológicos na escola. É imprescindível que o emprego desses recursos despertem a criticidade no aluno, o entendimento e a compreensão dos objetivos da educação para que não se subutilize esses recursos em razão de seu grande potencial.

Todavia, importa salientar que os professores devem se apropriar dos conhecimentos sobre o manuseio e a sua utilização adequada no ambiente da sala de aula. Sobre esse tema, Libâneo (2011), leciona que:

“Não basta que os professores disponham, na escola, dos meios de comunicação ou apenas saber usá-los. É preciso que aprendam a elaborar e a intervir no processo comunicacional que se realiza entre professores e alunos por meio de mídias”.

Desse modo, quando não se tem a consciência do que se pretende alcançar com a exploração desses recursos tecnológicos, não há, portanto, a construção de um conhecimento plausível, que resulte em um novo e significativo saber, anulando a possibilidade de alcance dos objetivos propostos em relação ao seu uso pedagógico.

Não se pretende, neste trabalho, encontrar a fórmula mágica para a solução de todos os problemas atinentes às formas mais indicadas para promover a aprendizagem dos alunos por meio de estratégias mirabolantes de ensino, até porque, como ensina Moran (2000):

Não se trata de dar receitas, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a que aprendam

melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar.

Em relação ao uso da TV e do vídeo como recurso pedagógico, o professor dispõe de um número variado de opções metodológicas de ensino, podendo trabalhar temas variados, de forma diferenciada e dinâmica.

Para que isso ocorra, é importante que cada professor encontre as formas mais adequadas de incluir tais tecnologias em suas estratégias metodológicas de ensino. Além disso, é salutar que o professor amplie os seus conhecimentos, que aprenda o domínio das formas de comunicação audiovisual, visando o seu enriquecimento cultural tanto do ponto profissional, quanto pessoal.

Isso implica em uma adequação que o professor deve fazer no momento da seleção de um vídeo para trabalhar um determinado tema, pois, ele não poderá ser muito longo em função de sua natureza. Isso ocorre porque os vídeos possuem um número muito maior de informações em relação ao mesmo tema ou temas abordados em um livro didático, por exemplo, onde as informações são estáticas, não tem movimento.

Com efeito, em se tratando de episódios longos que contenham muitas informações, propõe-se que tais episódios sejam exibidos apenas um a cada aula ou semana, para que haja tempo hábil de aprofundar-se nos principais tópicos, sem tornar a explanação exaustiva para o aluno.

É interessante, também, que se façam algumas pausas ao longo da exibição do vídeo para fazer esclarecimentos de forma que os alunos não fiquem confusos e, conseqüentemente, dispersos em relação ao tema do vídeo, principalmente, quando tratar de turmas de crianças e adolescentes, em virtude de sua natureza mais ativa.

Apesar de tudo o que foi dito neste tópico ser importante, acredita-se que a questão concernente ao planejamento das ações pedagógica supera em importância, haja vista que o uso de um recurso de mídia como a exibição de um filme, por exemplo, pode ser simplesmente assistido ou, dependendo da sua finalidade, inserido em um contexto pedagógico, como um instrumento que pode dinamizar o processo ensino-aprendizagem.

Para tanto, o referido recurso deve trazer consigo um objetivo previamente definido, vinculado a um ou mais conteúdos específicos, promovendo discussões e atividades que levem à análises e reflexões a cerca do que foi exibido.

Dessa forma, as tecnologias como os vídeos e a televisão, constituem ferramentas que potencializam o ensino, ampliando as possibilidades pedagógicas em sala de aula. Entretanto, vale lembrar que isso somente ocorrerá se tais recursos estiverem devidamente incluídos nos planejamentos pedagógicos.

1.3 O uso do Vídeo contextualizado com os conteúdos disciplinares

A questão da contextualização do uso do vídeo com os componentes curriculares é algo que merece uma análise mais detalhada tendo em vista a sua importância para o sucesso da empreitada pedagógica através do uso de estratégias bem articuladas e desenvolvidas.

Nesse sentido, pretende-se nesse tópico levantar soluções que venham associar o trabalho docente e as mídias como ferramenta auxiliar de ensino e, para isso o professor deve repensar o seu papel dentro de uma perspectiva pedagógica que extaria o que esses recursos podem oferecer de melhor.

Além disso, o professor deve procurar investigar problemáticas que sejam significativas para o aluno, procurando integrar diferentes mídias e outros recursos existentes no contexto escolar, visando tornar a atividade de ensino mais atraente e significativa para o aluno.

Esse trabalho deve ser elaborado em conjunto com a participação de professores e a equipe técnico-pedagógica da escola com o objetivo de organizar e promover as melhores formas de aliar o uso de recursos tecnológicos como a TV e o vídeo em conexão com os conteúdos curriculares, uma vez que nem sempre eles serão usados nas aulas.

Além do mais, é preciso que o professor faça um trabalho de filtragem dos conteúdos e temas trabalhados em sala de aula e, para isso, deve-se estabelecer a diferença entre informação úteis e inúteis para que se obtenha a construção de determinado conhecimento, decorrente do processo de ensino-aprendizagem, considerando o conhecimento prévio de seus alunos. Sobre esse cuidado que o professor deve ter, Libâneo (2011, p.73), ensina que:

[...] o fascínio pela apresentação visual, pelo som, pela tecnologia, deixa em segundo plano o fator pedagógico, ético, psicocognitivo, didático. Descuida-se dos objetivos, dos valores, da veracidade, precisão e integridade da informação veiculada.

A busca das informações são caminhos, bases para a formação do conhecimento sobre determinado conteúdo, isto é, a informação é representada pelos dados, fatos, publicações, entre outros disponíveis; o conhecimento, em contrapartida, constitui o resultado do processamento de tais informações. Por isso, é interessante observar que cada pessoa já traz consigo uma série de informações que foram sendo processadas ao longo de sua vida, individualizando o conhecimento de cada um.

Isso pressupõe que as mesmas informações podem gerar uma enorme gama de conhecimentos diferentes e, por isso, não se pode supor que exista um conhecimento único para todos aqueles que tem acesso a uma mesma informação. Dentro desse raciocínio, o professor deve figurar como um organizador entre as informações disponíveis e os conhecimentos prévios dos alunos, partindo de metodologias que fujam do tradicionalismo onde o professor fala e o aluno escuta e repete posteriormente. Para Libâneo (2011, p. 30):

[...] a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida apenas como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais. Isso não quer dizer abandono dos conhecimentos sistematizados da disciplina nem da exposição de um assunto. O que se afirma é que o aluno medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios e sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar.

As assertivas de Libâneo (2011) mostram que o professor tem o importante papel de apresentar as informações e conduzir a construção do conhecimento, orientando o aluno a interpretar as informações e abstrair o que pode ser aproveitado para a transformação da sua realidade sociocultural e econômica.

Destarte, a missão do professor não se resume à tarefa de ensinar apenas, tendo em vista que tal palavra, etimologicamente falando, vem do latim *ensignare*, assim, a palavra ensinar significa “colocar signos”, “depositar informações”, o que é alvo de muitas críticas por parte de muitos educadores, inclusive por Paulo Freire. Isso porque, dentro dessa ótica, a aprendizagem é restringida à simples memorização de informações, como se o aluno fosse um depósito onde se armazenam dados.

Entretanto, o significado de aprender, ao contrário disso, deve ser analisado num contexto mais abrangente, onde a construção do conhecimento resultante da interação entre as pessoas, objetos e situações do cotidiano, deve ser considerado de acordo com as experiências de cada aluno, pois, a variabilidade é uma característica do ser humano. Assim, a interpretação e o processamento das informações vão gerar conhecimentos distintos, conforme aquilo que cada aluno apresenta como saber prévio. Por isso, Freire (1970), critica alguns paradigmas educacionais afirmando que:

“Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que o educando, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos e a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.” (FREIRE, 1970, p. 33).

Logicamente, o professor deve ter ou desenvolver a habilidade de transformar as informações de cada disciplina aliadas às informações trazidas através de vídeos e organizá-los de forma didática para que a construção do conhecimento pretendida nos planos não seja frustrada, mostrando ao aluno que os saberes disciplinares se conectam e, muitas vezes, se complementam.

Televisão e vídeo podem ilustrar de maneira interessante que os vários conhecimentos disciplinares não são estanques, ou seja, eles se comunicam e se complementam na medida em que o nível de planejamento interdisciplinar aumenta. Como exemplo dessa afirmação, pode-se destacar os filmes da série “Patos, asas e balões”, que retrata por meio de uma animação, temas de várias disciplinas curriculares como História, Geografia, Ciências, Artes, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira.

Ressalte-se que o professor deve encontrar maneiras criativas de aproximação entre o aluno e às propostas pedagógicas. Nesse vídeo que mencionou-se no parágrafo anterior, percebe-se que a característica didática mais relevante presente no referido vídeo é o fato de que ele aproveita um único tema, ou seja, a invenção dos balões, dos dirigíveis e dos aviões para introduzir diferentes conteúdos.

Dessa forma, o professor pode utilizar esse recurso para ampliar a visão interdisciplinar dos alunos, questionando-os sobre quais as disciplinas poderiam estar envolvidas na invenção do avião, que é um dos temas abordados no vídeo.

Essa estratégia ajuda o aluno a compreender que o conhecimento é algo que ultrapassa a segmentação do saber em disciplinas.

CAPÍTULO 2 A PRÁTICA DOCENTE NO USO DO VÍDEO

O trabalho pedagógico é uma atividade humana que objetiva a transformação, organização, formulação e a reformulação do conhecimento, resultante de um processo dialético, na medida em que assume novas formas e adquire novos sentidos na busca de melhorar a vida dentro do contexto social.

Direcionar as ações pedagógicas através da articulação e do desenvolvimento de estratégias de ensino implementadas no cotidiano escolar é uma função de suma importância dentro do trabalho pedagógico dos professores, equipe técnico-pedagógica e gestores escolares que devem, para alcançar seus objetivos, lançar mão de todos os meios e recursos didáticos disponíveis.

Nessa direção, a utilização de recursos tecnológicos como vídeo fornecem subsídios para o alcance dos objetivos propostos nos planejamentos de forma mais eficiente, em virtude de sua natureza dinâmica que mistura sons e imagens, chamando a atenção dos alunos para o seu conteúdo.

Todavia, é premente a necessidade de seleção dessa enormidade de informações que devem ser usadas pedagogicamente para que as mesmas não abarrote e confundam as mentes e, conseqüentemente, o entendimento dos alunos. Diante disso, Moran (1999), afirma que:

Ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida.

Diante de uma nova conjuntura social, onde exige-se a formação de cidadãos mais críticos e atuantes, a escola deve também se reestruturar, procurando assumir uma postura menos lecionadora de conteúdos e mais organizadora de informações úteis que possam ser encaixadas em seus conteúdos disciplinares como forma de promover a aproximação de sua práxis educativa com a realidade cotidiana de seus alunos.

A escola de hoje deve considerar que os alunos egressos do seio familiar, recém chegados às salas de aula, já trazem consigo muitos conhecimentos adquiridos pela convivência no seu ambiente familiar, bem como pelos meios de

comunicação, principalmente, pela televisão. A esse respeito, Moran (1999), leciona que:

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer - os outros, o mundo, a si mesmo – a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, [...] A relação com a mídia eletrônica é prazerosa - ninguém obriga - é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as estórias dos outros e as estórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma - mais fácil, agradável, compacta - sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos.

Por essa razão, o trabalho pedagógico deve explorar bastante todo o potencial que essas ferramentas tecnológicas possuem, em face de sua facilidade de aceitação pelos alunos, por constituir algo familiar, algo que está presente em seu dia-a-dia, proporcionando um aprendizado agradável e prazeroso, além de filtrar o que realmente é relevante para a formação de cidadãos críticos.

Todo cuidado, porém, deve ser observado no momento da escolha de um vídeo para compor uma aula e, por esse motivo, o professor deve fazer alguns questionamentos do tipo: Como conciliar o vídeo ao programa a ser cumprido? Como usar o vídeo na sala de aula? Como planejar a aula? Como discutir com os alunos as cenas e as mensagens mostradas no vídeo escolhido? Como levar os alunos a fazerem uma observação e uma leitura consciente das mensagens contidas no vídeo? Quais atividades podem ser propostas antes e depois da exibição do vídeo? Qual o formato e a duração ideal de um vídeo para ilustrar um assunto?

É interessante ressaltar que o uso do vídeo tem um potencial pedagógico muito grande. Para Moran (1995), “O vídeo ajuda a um bom professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica”. Em outras palavras, pode-se afirmar que o vídeo pode aproximar a sala de aula da realidade do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação do educando, além de introduzir novas questões no processo de ensino-aprendizagem.

Para que o vídeo apresente resultados satisfatórios como ferramenta auxiliar do processo de ensino-aprendizagem, constitui-se necessário que sejam observados alguns aspectos atinentes à sua aplicabilidade de maneira consoante ao conteúdo que o professor pretende trabalhar em sala de aula.

Diante disso, pode-se afirmar que os vídeos cumprem uma função dentro do planejamento da aula e, por essa razão, ele não deve ser utilizado como uma espécie de medida alternativa nas ocasiões em que o professor não cumpriu a sua responsabilidade de planejar a sua aula com antecedência e acaba por exibir um vídeo sem um objetivo específico. Para Moran (1995), nesse caso, “exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria é ‘vídeo-enrolação’. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso”.

Não obstante, o fato de se exibir um vídeo nos casos em que o professor falta, por exemplo, é mais um modo errôneo de utilização do recurso, haja vista que quando isso é feito com frequência, acaba desvalorizando o seu uso. Além do mais, os alunos passam a associar o seu uso à falta de professores e, por conseguinte, a falta de aula.

Deve-se observar também as ocasiões em que alguns professores descobrem o vídeo como um recurso interessante para os alunos e acaba utilizando-o em demasia, ou seja, movido pela empolgação, passa a exibir vídeo em todas as suas aulas e deixa de lado outras dinâmicas mais adequadas à determinadas aulas. Tal uso em demasia desse recurso, leva à diminuição da sua eficácia e o torna desinteressante (MORAM, 1995).

2.1 O Educador e sua prática docente

O ofício educacional, a profissão docente sempre teve grande importância em face de promover o processo de socialização da cultura, dos conhecimentos formais, dos diversos saberes nas mais diferentes sociedades em todas as épocas.

Principalmente na atualidade, o professor tem que lidar com várias questões ao mesmo tempo, diferentemente do que acontecia num passado próximo. Hoje, as novas tecnologias da informação e comunicação, bem como a complexidade da vida social em relação aos costumes, leis, entre outros aspectos, exige cada vez mais reflexões e soluções rápidas aos problemas surgidos no dia-a-dia escolar e familiar dos alunos.

Por essa razão, dentro de sua prática docente, o professor deve estar em constante aperfeiçoamento, visando o desempenho com excelência do seu papel como educador, principalmente no mundo atual, onde a velocidade das evoluções das tecnologias da informação e comunicação superam todas as expectativas, impondo a necessidade contínua e incessante de atualização sobre os seus funcionamentos.

Essas modificações constantes e rápidas, verificadas em nossa sociedade no decorrer do tempo, dentre as quais o desenvolvimento impressionante das novas tecnologias da informação e comunicação, tem levado professores a vivenciar um processo de mudança que tem causado o surgimento de dificuldade e insegurança nos mesmos, comprometendo a eficácia do processo ensino-aprendizagem. Nesse ponto, Gadotti (2000, p.6) afirma que:

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações.

Tais mudanças não excluem a escola, ao contrário, impõem a ela a necessidade de adequação como um todo, desde a sua estrutura curricular, passando por sua estrutura física, até as metodologias didático-pedagógicas e demais práticas de ensino.

Diante desse quadro, o educador deve buscar trabalhar dentro de sua práxis pedagógica da melhor forma possível com que a escola disponibiliza tendo em vista a sua utilização para o desenvolvimento de suas atividades de ensino, onde a intervenção pedagógica constitui o principal objeto da atividade docente na escola.

Evidentemente que não se pretende colocar o professor como sendo o centro do processo educativo, todavia ele constitui-se num importante participante e interlocutor deste processo, auxiliando o aluno através de sua intervenção pedagógica, organizando as informações recebidas pelos alunos de várias fontes, inclusive da própria escola, lançando mão dos meios e recursos adequados para esse fim. Sobre essa afirmação Lima (2010, p. 25), ensina que:

Esta dimensão didática requer do educador alguns cuidados essenciais em sua intervenção, dentre eles, a escolha dos materiais que melhor lhe servirão para o desenvolvimento das atividades promotoras do processo ensino-aprendizagem. Nem sempre a escola poderá disponibilizar exatamente os materiais que o professor necessita para a aplicação em suas atividades; ora por sua inexistência, como no caso de escolas públicas; ora pela complexidade do material, que não existe pronto, mas deverá ser confeccionado para resultar o desenvolvimento esperado do trabalho.

Nesse momento, o professor deve ter a habilidade para improvisar e obter os materiais e recursos de que necessita para o desenvolvimento de sua aula. Ele pode usar como alternativa as sucatas como jornais e revistas usados por ele mesmo doados pela comunidade, bem como pelos próprios professores, visando o alcance dos objetivos propostos em seus planos de aula.

Como se vê, a atuação do professor como promotor da construção e reconstrução do conhecimento no espaço escolar depende de sua dedicação como profissional que tem o compromisso com a Educação, aproximando o aluno dos vários saberes em seu papel de mediador e organizador das informações que o educando recebe.

Apesar de seu papel ser decisivo dentro do processo educacional, tal aproximação não exclui a escola, na pessoa de seus gestores, corpo técnico e demais funcionários do papel de educar, bem como a mobilização da sociedade, principalmente da família, como ponto de partida para a construção de uma educação de qualidade.

Por conta disso, o trabalho pedagógico é uma tarefa árdua que envolve dedicação de todos os atores que compõem a escola, valendo enfatizar que não basta conseguir materiais necessários para o desenvolvimento das aulas, pois, a Educação é um processo muito mais amplo e complexo que necessita de ações coerentes e consistentes com a realidade escolar e social dos alunos, uma vez que, se os saberes historicamente produzidos devem ser considerados e incluídos nos planos de ação pedagógica da escola, visando a sua significação e ressignificação didática. Quanto a esse aspecto, Lima (2010), assevera que:

O próprio uso dos materiais deve ser objeto educativo, seja na utilização racional do que se vai precisar, quando se vai precisar e para que ações pedagógicas estejam programados; enfim o saber-fazer por meio do que a escola possui, pode tornar-se objeto para encaminhamento até para o que a escola pretende possuir a curto, médio e longo prazos numa dimensão planificada de sua realidade, listada no projeto político-pedagógico da escola.

Para o autor, a questão relativa ao planejamento das ações educativas da escola enquanto espaço de aprendizagem, deve abarcar todos os aspectos intrínsecos do diversos saberes, mostrando para o aluno a sua importância para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável, na medida em que ressalta a importância da explicitação dos objetivos das propostas de seus projetos políticos pedagógicos e, nesse sentido toda a escola deve participar desse processo.

2.2 As possibilidades pedagógicas do uso do vídeo

Inserir o vídeo como recurso pedagógico constitui uma alternativa que contribui para a melhoria do processo de ensino pelas próprias características peculiares de tal recurso, pois a sua linguagem tem o poder de chamar a atenção e sensibilizar mais facilmente crianças, jovens e adultos, uma vez que sua dinâmica que mistura som, imagens e movimentos, passa mensagens com maior efetividade do que outros meios. Para Moran (1995), esse alcance da TV e do vídeo ocorre porque:

O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo. A linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo, enquanto que a linguagem escrita desenvolve mais o rigor, a organização, a abstração e a análise lógica.

Em contraponto ao que foi colocado no início do Capítulo 2 do presente Trabalho Científico, que versa sobre como o vídeo não deve ser usado, a exploração do vídeo como recurso pedagógico pode ser feita, por exemplo, para ilustrar um assunto; para sensibilizar o aluno a cerca de temas relevantes e polêmicos; para simular situações para melhor compreensão do aluno; bem como para produção de novos vídeos pelos próprios alunos, sob a orientação do professor.

Como se pode observar, esse recurso apresenta inúmeras possibilidades para que o professor incremente as suas aulas, servindo ajudar a ilustrar o que ele fala em aula, retratando aspectos que o aluno nunca viu como na disciplina de História, por exemplo. Nesse caso, o professor pode exhibir um filme que retrate como o nosso planeta Terra era no período da Pré-História, mesmo sendo uma

obra produzida com recursos tecnológicos computacionais ou, ainda, cenários e os modos de vida das civilizações que existiram na Antiguidade, bem como em outras épocas.

A possibilidade de aproximar e estimular a imaginação do aluno, mostrando realidades muito diferentes e distantes das vividas por ele, faz com que a escola proporcione ao mesmo uma oportunidade de aprender de forma interessante e significativa, aproximando-a de sua realidade.

Além do mais, o vídeo pode servir como instrumento para sensibilizar o aluno na medida em que desperta a sua curiosidade, motivando-o para novos temas propostos pelo professor. Com isso, desperta também o interesse pela pesquisa, pela busca do novo por parte dos alunos com vistas ao aprofundamento do assunto abordado no vídeo, bem como o da matéria estudada em sala de aula.

Simular situações também é uma das várias utilizações dos vídeos em sala de aula. O professor, através de vídeos, pode simular experiências da disciplina de química que, por sua natureza perigosa, devem ser realizadas somente em laboratório ou em ambiente seguro e controlado para evitar riscos à integridade física do aluno.

Nesse sentido, o professor pode exibir apenas o vídeo de tais experiências que ele pode obter a partir de *sites* educativos como o Portal do Professor, no endereço <http://portal.mec.gov.br>, por exemplo, garantindo com isso a segurança de seu aluno sem prejudicar o seu aprendizado sobre determinado assunto.

Além disso, o professor pode ilustrar situações que acontecem na natureza, mas que são difíceis de serem percebidas em virtude da lentidão de sua ocorrência, a exemplo do crescimento de uma planta ou da trajetória dos astros nos céus, entre outros fenômenos. Cria-se com isso, a oportunidade abordagens múltiplas, dentro de várias disciplinas ao mesmo tempo.

Outra atividade muito interessante do ponto de vista pedagógico pode ser desenvolvida a partir da produção de vídeos visando documentar, registrar situações ou partes do processo de ensino-aprendizagem como eventos na escola, aulas com apresentações, experiências realizadas pela turma, entrevistas com pessoas da comunidade e autoridades, depoimentos dos próprios alunos a cerca de seu aprendizado, entre outros fins.

Constantemente acompanha-se a postagem na internet de vídeos de alunos se agredindo, expressando ódio, violência e medo através de práticas de *bullying*, provando a capacidade de produção negativa e o fascínio que os mesmos apresentam por tais recursos tecnológicos.

Diante disso, o professor deve canalizar essa energia do aluno para a produção de vídeos como expressão de sua capacidade de fazer o bem, revelando uma nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade, principalmente, das crianças e dos jovens para a educação, uma vez que, se elas aprendem a agredir e a odiar, pode-se também ensiná-las a amar e a respeitar as diferenças e o espaço do outro.

Com a experiência enquanto educadora, pode-se observar que os alunos gostam fazer vídeos e, partindo dessa premissa, a escola precisa incentivar a produção de atividades de pesquisa, entrevistas com pessoas da comunidades escolar, registro de oficinas e outros eventos festivos da escola em vídeo pelos alunos, uma vez que a produção em vídeo apresenta características da contemporaneidade, onde essa novidade integra as novas linguagens dos alunos de hoje.

Além disso, essa forma de expressão apresenta uma dimensão lúdica, pois, oportuniza uma maneira divertida para os alunos de retratar a sua própria realidade e, principalmente, discuti-la nesse espaço de aprendizagem que é a escola. Nesse sentido, o ato de filmar constitui uma das experiências mais envolventes para alunos de todas as faixas etárias.

Aproveitando essa oportunidade, o professor deve incentivar o aluno a produzir vídeos dentro de disciplinas específicas, mostrando a relação de conexão que existe entre elas, na medida em que uma complementa a outra de forma interdisciplinar, trabalhando, inclusive, os temas transversais (Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo) previstos nos PCN's (1998), que preconizam a interdisciplinaridade dos temas transversais, bem como de todas as disciplinas.

Nessa direção, Moreno (1997, p.35 e 36), leciona que:

Não podemos esperar que os campos de pensamento que se iniciaram com a ciência clássica – de cuja vigência atual ninguém duvida – proporcionem conhecimentos sobre tudo aquilo que os homens e as mulheres do presente precisam saber, porque vivemos em uma sociedade que está clamando pela paz, pela igualdade de direitos e oportunidades entre o homem e a

mulher, pela preservação e melhora do meio ambiente, por uma vida mais saudável, pelo desenvolvimento da afetividade e da sexualidade que permite melhorar as relações interpessoais; uma sociedade que necessita forjar personalidades autônomas e críticas, capazes de respeitar a opinião dos demais e de defender os seus direitos, ao mesmo tempo. Estas questões não são contempladas na problemática da ciência clássica.

A autora ressalta que a segmentação das disciplinas não permite que temas relevantes da sociedade atual possam ser discutidos com mais abrangência e, conseqüentemente, não tem a oportunidade de serem debatidos no espaço escolar e, nesse momento, o trabalho com vídeos pode abordar várias temáticas ao mesmo tempo e de maneira bem dinâmica.

2.3 A formação do professor e a preparação para o trabalho com as TICs

Quando se aborda a questão da formação pedagógica é necessário que se considerem vários aspectos atinentes a esta formação, tanto do ponto de vista dos aspectos que constituem a formação formal, tão importante para a constituição dos saberes necessários à prática docente; como também do ponto de vista relacionados aos aspectos que compõem e acompanham, de modo informal, todo o processo formativo do professor, como é o caso da cultura e das representações que os mesmos trazem consigo, aspectos muitas vezes desconsiderados pela sua origem.

Importa saber que realizar reflexões sobre as diferentes dimensões da formação e da prática docente, bem como dos saberes, faz-se imprescindível por muitas razões, dentre as quais figuram as trajetórias formativas dos professores, a não valorização da cultura e das representações docentes como elementos de formação e, depois delas, as da produção da prática pedagógica durante o exercício da docência.

Não obstante, a necessidades de apreensão do conhecimento dos equipamentos e sua operacionalização dos recursos tecnológicos aplicados à educação, deve ter como objetivo principal a construção do perfil do novo profissional da educação, antenado com as novidades tecnológicas que invadem a escola.

Diante disso, o professor deve acompanhar as novas demandas da “Sociedade do Conhecimento”, como está sendo chamado o momento

contemporâneo social, onde as evoluções das tecnologias da informação e comunicação despejam um volume cada vez maior e mais rápido de informações a disposição de um número cada vez maior de usuários em redor do planeta em face da democratização do acesso a tais tecnologias.

É fato que existem vários problemas que dificultam, sobremaneira, a vida profissional do docente durante o exercício da sua tarefa de educador nas escolas da rede pública hoje em dia, inclusive no Amapá, sendo que o domínio e a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação é apenas um deles.

Diante dessa afirmação, Valente (1999), afirma que:

A preparação docente para a utilização das novas tecnologias implica em muito mais do que somente fornecer conhecimento sobre computadores, implica em processo de ensino que crie condições para a apropriação ativa de conceitos, habilidades e atitudes, que ganha sentido à medida que os conteúdos abordados possuam relação com os objetivos pedagógicos e com o contexto social, cultural e profissional de seus alunos.

Desse modo, surge também uma nova forma de ensinar e de aprender, exigindo a qualificação cada vez maior dos profissionais da educação, que consigam corresponder satisfatoriamente a essa nova demanda, representada por grandes volumes de informações e acessos as novas ferramentas pedagógicas.

Todavia, os cursos de formação de professores não formam de maneira adequada os futuros profissionais da educação no que se refere ao trabalho com as TIC, principalmente no tocante à associação de tais ferramentas aos planos pedagógicos de ensino de maneira articulada e inteligente.

Parte desse problema pode ser explicado pela falta de incentivo por parte do Governo Federal, responsável pelo Ensino Superior, na medida em que transfere a sua responsabilidade para a iniciativa privada, permitindo a proliferação de escolas de graduação superior que não oferecem um ensino de boa qualidade, resultando na má formação dos profissionais da educação.

Críticas sobre o abandono e a falta de fiscalização do Poder Público Federal em relação à educação superior no Brasil são feitas por GADOTTI (1987), ao afirmar que “Transformada em mercadoria, a educação está sujeita à lei do capitalismo, que incentiva a privatização do ensino sem investir na qualidade, privilegiando o lucro através da quantidade”.

Instituições federais de Ensino Superior também não escapam à regra quando se trata de preparação de professores para o trabalho pedagógico

envolvendo as TIC's e, os profissionais que trabalham nos laboratórios de informática das escolas públicas do Governo do Amapá, por exemplo, recebem treinamento através de cursos oferecidos pela Secretaria de Estado da Educação, por intermédio do Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE), que disponibiliza vagas para esses professores.

Acredita-se que a procura por tais cursos deverá aumentar em face da implementação de um programa do Governo do Estado do Amapá que fornece notebooks aos professores, apesar de alguns ainda se mostrarem avessos à utilização das TIC's na escola. Apesar de seus benefícios, ainda existem muitos que acreditam que o avanço das tecnologias na educação irá desvalorizar ainda mais o papel do professor perante a sociedade.

Apesar disso, é de fundamental importância que o professor tenha a oportunidade de dominar o uso das TICs, para que possam adequá-las ao contexto educacional, sem se deixar levar pelos modismos tecnológicos, reconhecendo o seu valor como ferramentas auxiliares no processo pedagógico, visando a construção do conhecimento e, principalmente, refletindo sobre suas possibilidades didáticas.

CAPÍTULO 3 A PESQUISA DE CAMPO E A ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

3.1 O trabalho de pesquisa na escola-campo

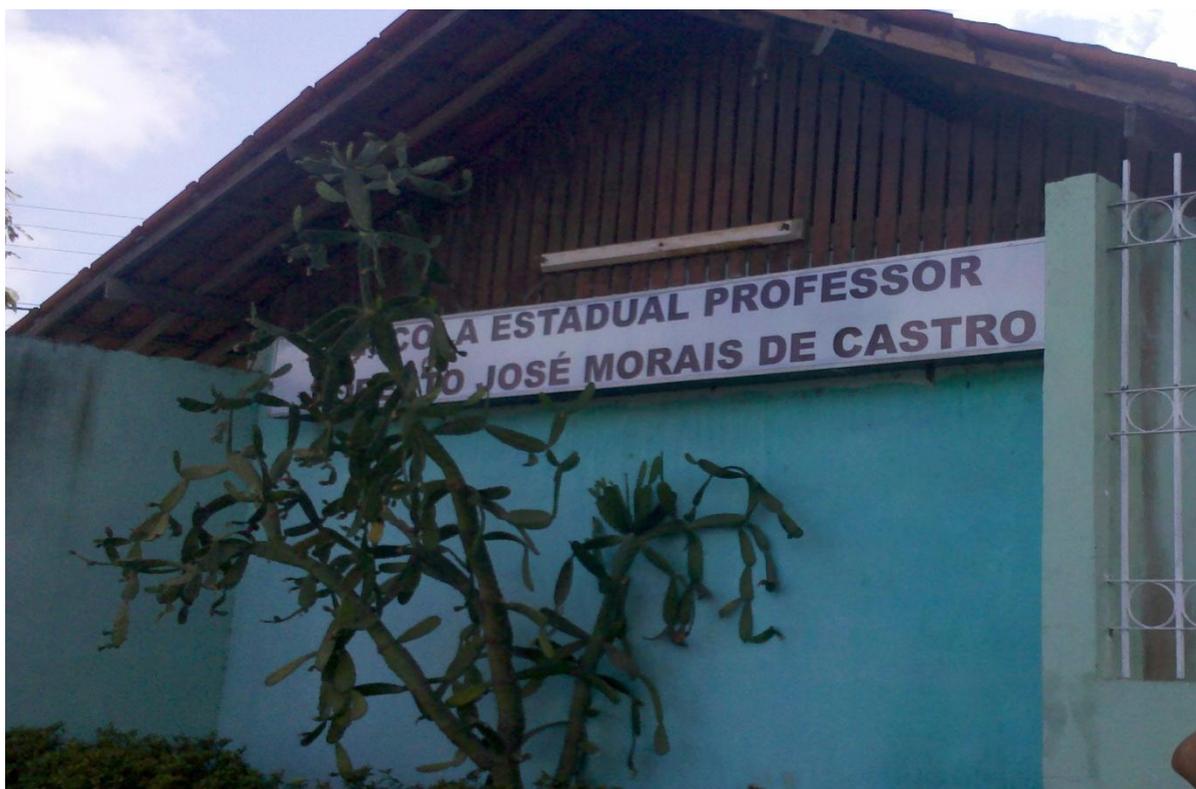
Todo trabalho de pesquisa deve ser balizado pelo rigor científico objetivando alcançar credibilidade no meio acadêmico, sustentado por bases teóricas sólidas para a sua validação, além de servir de referência ao desenvolvimento de políticas públicas que tragam melhorias, principalmente, à educação pública pela incrementação das práticas pedagógicas desenvolvidas em nas escolas amapaenses.

Dessa forma, esta pesquisa pretende apontar resultados que venham colaborar para a melhoria da problemática existente nas relações de ensino no espaço escolar no que concerne à utilização da TV e do vídeo como ferramentas auxiliares do processo de ensino-aprendizagem, onde as exigências de modificação dos paradigmas pedagógicos exigem novas posturas docentes em relação às metodologias aplicadas ao ensino.

Diante disso, torna-se premente a necessidade de articulação de estudos e pesquisas que façam análises das relações de ensino e aprendizagem, objetivando a verificação das demandas educacionais em face da introdução de novos recursos tecnológicos nas escolas de hoje. Além disso, pretende-se avaliar qual o grau de inclusão e utilização da TV e do vídeo como tecnologias de informação e comunicação nas metodologias de ensino dos professores, tomando-se por base, entrevistas realizadas em uma escola da rede pública de ensino do Estado do Amapá.

É fato que muitos fatores prejudicam o desenvolvimento adequado do processo de ensino-aprendizagem, principalmente nas escolas da rede pública de ensino. Em relação às dificuldades enfrentadas no exercício da função docente, existem três pontos cruciais para isso tais como: desvalorização do magistério, relacionada com a questão salarial; a estrutura do ensino, determinada pelo modelo de escola da legislação contemporânea; as condições de trabalho, como espaços físicos e materiais didáticos, que impossibilitam um ensino de melhor qualidade (CUNHA, 1999).

A escola-campo fica localizada Avenida Jovino Dinoá, bairro do Beírol. A referida Unidade de Ensino conta com dez salas de aula, onde funcionam turmas de 1º, 2º e 3º ciclos, além de 3ª e 4ª séries, uma vez que a mudança de séries para o sistema de ciclos está sendo realizada de maneira gradual; conta, ainda, com uma sala de vídeo onde funciona o Projeto TV Escola; uma sala de leitura, uma biblioteca, secretaria escolar, diretoria escolar, banheiros, espaço para refeições.



Fotografia 01: parte frontal da escola-campo, localizada na Avenida Jovino Dinoá, bairro do Beírol.

A referida escola apresenta certas peculiaridades em relação à maioria das escolas da Rede Estadual de Ensino, pois, atende apenas ao primeiro segmento do Ensino Fundamental, entretanto, as rotinas pedagógicas da mesma são exatamente iguais às outras escolas estaduais e, por essa razão, as suas atividades pedagógicas são desenvolvidas normalmente atendendo a todas as disposições da legislação de ensino.

É importante ressaltar que um período pequeno de pesquisa e observação da rotina em um ambiente micro como o da escola-campo pode prejudicar a pureza dos resultados do trabalho científico, haja vista que o ser

humano, geralmente, costuma mudar o seu comportamento diante da ciência de que está sendo observado.

Todavia, o fato do pesquisador pertencer ao quadro de funcionários efetivos do referido educandário fez com que a tarefa de observação da pesquisa não causasse inquietude entre os pesquisados, em face da relação de respeito e profissionalismo com que o trabalho foi desenvolvido. Por conta disso, conseguiu-se bons resultados através da observação, bem como através dos formulários contendo as questões norteadoras, contribuindo para a fiel visualização da rotina pedagógica dos professores, com o objetivo de diagnosticar as dificuldades levantadas na problemática da pesquisa e, por conseguinte, promover intervenções no sentido de sanar os problemas ora detectados.

3.2 Os critérios de seleção dos vídeos utilizados pelos professores

Partindo-se da observação realizada na escola-campo em relação aos critérios usados pelos professores no que se refere à seleção dos vídeos de apoio às suas aulas, constatou-se que a falta de participação dos docentes em cursos de aperfeiçoamento e formação continuada impede que eles utilizem os critérios mais adequados no momento da seleção dos vídeos como ferramenta pedagógica de apoio, haja vista que alguns são muito longos e outros não apresentam muita relação com o tema da aula.

Além disso, alguns professores não ficam no ambiente da sala de vídeo no momento da exibição do vídeo, pois, justificam que esse tempo serve para eles realizarem outras atividades como podemos observar na fala de três pesquisados. Vejamos as respostas: *“P1: Sim, raramente não vou. P5: Algumas vezes, no momento uso esse horário para fazer planejamento. P6: Acompanho, mas algumas aulas deixo sobre a responsabilidade da professora da sala de vídeo”*.

Esses relatos mostram o grau de despreparo dos docentes quanto à utilização desse recurso pedagógico na medida em que alguns não permanecem no ambiente da sala de vídeo com os seus alunos, ficando assim impossibilitados de fazer intervenções e perceber o nível de interesse e envolvimento dos mesmos com a atividade aplicada.

É importante que se entenda que a TV e o vídeo são ferramentas com um potencial pedagógico muito grande se utilizadas da maneira adequada, dentro de critérios específicos, pois, quando se fala em tecnologia na sala de aula não se refere exclusivamente ao computador, que é uma tecnologia maravilhosa, porém, deve ser incluído de maneira correta nas metodologias de ensino para que não se torne mais uma ferramenta com um fim em si mesma.

Evidentemente que a TV e o vídeo também devem ser bem analisados e planejados para se transformarem em recursos que venham contribuir para a melhoria da relação de ensino e aprendizagem em sala de aula, através da interatividade entre aluno e informações para a construção do conhecimento.

Como exemplo de aplicação didática de vídeos, podemos citar a técnica do cine-fórum, que constitui uma forma interessante de levar os alunos a reflexão através de conversas sobre o tema do filme, fazendo uma ponte de ligação entre ele e o conteúdo do componente curricular.

Por essas razões, deve-se ter critérios para a escolha de filmes, além de um roteiro básico da aula com o uso do vídeo para que não surjam surpresas indesejadas durante a atividade e para que essa ferramenta tão útil não seja subutilizada. Torres (1998) sugere como critérios para a escolha de vídeos a “adequação ao assunto, aos alunos, simplicidade, precisão, facilidade de manuseio, atratividade, validade e pertinência, que também recomenda a utilização de fichas e guias de avaliação dos filmes para orientar a discussão”.

Além disso, muitas programações de canais que apresentam conteúdos educativos como TV Escola e o Canal Futura, por exemplo, podem ser utilizados como recurso pedagógico através da proposição de atividades críticas, criativas e divertidas, com a discussão dos programas com os alunos, visando, a análise, por exemplo, como destaca Feldman (1997) “dos elementos da gramática audiovisual e compará-los à gramática de outras linguagens, descobrindo como cada um destes elementos contribui para construir a narrativa”.

A mesma autora ressalta que devem ser extraídos dos vídeos alguns pontos para reflexão da realidade do aluno, complementados com atividades ligadas ao que foi exibido pelo professor, a fim de melhor aproveitar tal recurso, com vistas ao desenvolvimento do espírito crítico e participativo dos alunos, pelo estímulo, por parte do professor, da curiosidade do aluno para saber buscar as

informações verdadeiramente importantes para a construção de um conhecimento significativo e prazeroso.

Dessa maneira, o professor, ao criar o ambiente de aprendizagem estimulante, articula um processo onde o aluno é levado a analisar criticamente os dados apresentados, contextualiza-os e transformando-os em conhecimento, valorizando o aluno enquanto ser em formação. Nessa direção, no que se refere à valorização do aluno e de sua individualidade, o professor deve produzir aulas mais interessantes, usando materiais relacionados à realidade sociocultural do aluno.

Essa compreensão se coaduna com o pensamento de Alves (2001) ao sinalizar que “o conteúdo científico transmitido pela escola não deve ser descontextualizado da vida dos alunos, pois, caso contrário, haveria o risco de favorecer seu desinteresse e, possivelmente, a indisciplina”.

Com efeito, as tecnologias de comunicação e informação estão provocando profundas mudanças no cotidiano escolar, bem como em todo o conjunto da sociedade, porém, os professores não devem ter medo de serem alvo de substituição pelos aparatos tecnológicos que surgem a todo momento.

Precisam, sim, envidar esforço, dedicação e competência para extrair o melhor dos recursos tecnológicos em benefício da sua prática pedagógica na escola, apropriando-se de tais ferramentas tecnológicas para experimentar novos desafios e reflexões sobre sua práxis docente, objetivando sempre a melhoria do processo de construção do conhecimento por parte do aluno.

Em relação aos critérios de escolha dos vídeos por parte dos professores, será feita uma análise mais detalhada deste ponto no item 3.4, referente à análise dos resultados obtidos a partir da coleta de dados, onde os demais pontos serão analisados qualitativamente.

3.3 A Metodologia de Pesquisa aplicada e os sujeitos da Pesquisa

Para a realização do presente trabalho de pesquisa, foram aplicados questionários com perguntas voltadas aos aspectos ligados à metodologias usadas pelos professores da escola-campo, bem como os critérios de escolha e seleção dos vídeos exibidos por eles aos seus alunos.

Para tanto, entrevistas foram realizadas com os professores da Escola Estadual Professor Roberto José Morais de Castro, no período que compreendeu os meses de Maio e Junho deste ano de 2012, onde os mesmos responderam aos questionários que continham dez perguntas direcionadas às rotinas pedagógicas referentes à utilização do espaço onde funcionam a sala de vídeo e TV Escola pelos docentes.

É interessante ressaltar que, além das entrevistas com os professores através que questionário, realizou-se um trabalho de observação e coleta das impressões a cerca do funcionamento da escola durante o período da presente pesquisa de campo com o objetivo de avaliar e constatar as respostas dadas pelos docentes no formulário de pesquisa preenchido pelos mesmos.

Foram também feitos registros fotográficos do ambiente físico da escola para ilustração do presente trabalho de pesquisa, como a fotografia abaixo que mostra as instalações da sala de vídeo e TV Escola, revelando detalhes como alguns equipamentos e parte de seu acervo de vídeos e demais materiais usados durante as aulas.



Fotografia 02: Sala de vídeo durante a exibição de um vídeo a alunos do 1º Ano.

Questionários e demais procedimentos mencionados, destinaram-se à coleta de dados que serviram de supedâneo à pesquisa em tela, com vistas à sua fundamentação no que se refere à verificação da confirmação ou refutação das

hipóteses levantadas por ocasião das articulações iniciais do presente projeto de pesquisa.

Nessa direção, os referidos questionários nortearam os estudos teóricos desta produção acadêmica, com perguntas voltadas ao cerne da questão principal da pesquisa, ou seja, se a utilização da TV e do vídeo são práticas adotadas pelos docentes da escola-campo e se essas práticas são desenvolvidas de maneira adequada do ponto de vista didático-pedagógico, com critérios a seleção dos vídeos a serem utilizados nas aulas pelos professores durante as aulas.



Fotografia 03: Armário com o acervo de vídeos do Projeto TV Escola.

É importante mencionar que desde o início do ano letivo de 2012, existe um horário semanal fixo para o atendimento das turmas para a utilização do espaço da sala de vídeo e, além desse horário, os professores regentes podem agendar horários para o uso do espaço para aulas que necessitem da exibição de vídeos. O horário semanal é determinado pelo serviço técnico em conjunto com os professores responsáveis pela sala de vídeo, antes do início de cada período letivo.

Por último, os sujeitos da pesquisa foram dez professores que desenvolvem suas atividades docentes na escola-campo e, para preservar a identidade dos atores envolvidos na presente pesquisa, eles serão chamados doravante apenas de P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10, sendo que as siglas significam Pesquisado 1, Pesquisado 2, Pesquisado 3 e assim sucessivamente.

Dessa forma, especificados todos os pontos necessários ao mais amplo e profundo entendimento dos dados coletados, das suas relações entre si e sobre a metodologia utilizada, passa-se à análise dos resultados, feita através do método qualitativo que, segundo Marconi; Lakatos (2007, p. 268), o referido método:

Preocupa-se em analisar e interpretar os dados em seu conteúdo psicossocial. Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais. É descritiva e não requer utilização de métodos e técnicas estatísticas. O pesquisador, considerado instrumento chave, tende a analisar seus dados indutivamente, no ambiente natural. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. As pesquisas qualitativas oferecem contribuições em diferentes campos de estudo, como, por exemplo, à Antropologia, Sociologia, Psicologia, Educação.

Dentro desse pensamento, optou-se pelo método qualitativo para a análise dos dados coletados durante a pesquisa em face da valorização do pesquisador como agente importante no processo de pesquisa, onde o objeto de estudo pode ser observado em seu ambiente natural, ou seja, na escola-campo.

3.4 A análise dos resultados obtidos a partir da coleta de dados

De início, pode-se afirmar que o trabalho de pesquisa educacional é muito importante do ponto de vista da produção científica na medida em que faz análises sobre a natureza dos problemas encontrados no cotidiano escolar e buscar apontar soluções para resolvê-los através da aplicação de metodologias mais adequadas aos novos paradigmas didático-pedagógicos da sociedade atual.

Nesse sentido, a figura do professor como pesquisador da educação assume um papel ainda maior porque esse profissional, melhor que ninguém, sabe identificar quais os maiores problemas que constituem os grandes obstáculos ao desenvolvimento normal do processo de ensinar e aprender em nossas escolas, principalmente as da rede pública de ensino.

O professor pesquisador constitui-se, portanto, num agente que reflete sobre os aspectos ligados ao seu fazer docente com o objetivo de aperfeiçoar as suas práticas de ensino. Pode-se observar, então algumas diferenças entre os tipos de pesquisa, ou seja, a pesquisa desenvolvida pelo professor e a pesquisa

acadêmica ou científica. Segundo Garcia (2009, p.117), no que tange aos fins da pesquisa, aponta que:

A pesquisa acadêmica tem a preocupação com a originalidade, a validade e a aceitação pela comunidade científica. A pesquisa do professor tem como finalidade o conhecimento da realidade para transformá-la, visando à melhoria de suas práticas pedagógicas e à autonomia do professor. Em relação ao rigor, o professor pesquisa sua própria prática e encontra-se, portanto, envolvido, diferentemente do pesquisador teórico. Em relação aos objetivos, a pesquisa do professor tem caráter instrumental e utilitário, enquanto a pesquisa acadêmica em educação em geral está conectada com objetivos sociais e políticos mais amplos.

Nesse sentido, o professor deve ter como objetivos a busca da melhoria de sua prática pedagógica, dentro de um processo de reflexão sobre os desafios que fazem parte do trabalho docente nos tempos atuais e, por essa razão, eles devem possuir clareza e importância do ponto de vista acadêmico e social. O pressuposto do conhecimento da realidade é objeto de toda pesquisa científica, com vistas à sua transformação. Em relação a tais afirmações, Demo (2011, p. 22) assevera sensatamente que:

Primeiro, é preciso distinguir a pesquisa como princípio científico e a pesquisa como princípio educativo. Nós estamos trabalhando a pesquisa principalmente como pedagogia, como modo de educar, e não apenas como construção técnica do conhecimento. Bem, se nós aceitamos isso, então a pesquisa indica a necessidade da educação ser questionadora, do indivíduo saber pensar. É a noção do sujeito autônomo que se emancipa através de sua consciência crítica e da capacidade de fazer propostas próprias.

Diante disso, o professor deve trazer pra si a responsabilidade de repassar o conhecimento acadêmico, buscando aperfeiçoá-lo por intermédio do trabalho de pesquisa, aliado ao estabelecimento de metodologias resultantes desse processo com vistas ao aprendizado do seu alvo, ou seja, o aluno.

Feitas estas considerações iniciais sobre o papel do professor como agente promotor da pesquisa, passa-se à análise dos dados coletados, que será feita de acordo com a ordem das questões no formulário de pesquisa, iniciando pela utilização do vídeo como recurso pedagógico. Perguntou-se se os pesquisados utilizavam vídeos como recursos pedagógicos e quais os seus objetivos ao fazerem uso de tal recurso. Sobre esse questionamento, todos os pesquisados responderam positivamente, ou seja, todos fazem uso desse recurso pedagógico em suas aulas.

Vejamos a transcrição de algumas respostas:

P1: Como recurso para aprofundar conceitos, trabalhar dificuldades, articular ideias... P2: Sim. Complementar conteúdos já vistos, em outros casos abordar os que ainda serão trabalhados. P3: Sim, Para tornar os conteúdos mais contextualizados, com aulas mais interessantes refletindo na melhoria da qualidade de ensino. P4: Sim. Complementar o assunto abordado onde o aluno passa a associar teoria e prática. P6: Sim. Ampliar ainda mais o conhecimento do aluno sobre o conteúdo já trabalhado em sala de aula.

Todavia, o resultado da observação mostrou que embora todos os professores tenham respondido que utilizam vídeos como ferramentas auxiliares de ensino em suas práticas docentes, apenas trinta por cento deles o fazem além do horário semanal fixo, ou seja, só três professores usam vídeos em suas aulas além dos horários semanais previstos para suas turmas.

A conclusão a que se chega é que a maioria dos professores só usa vídeos em suas aulas porque existe um horário estipulado semanalmente para esse fim, caso contrário, não utilizaria esse recurso. Além disso, a observação revelou que somente os professores que utilizam a sala de vídeo além do horário semanal fixo é que trazem vídeos diferentes daqueles disponíveis no acervo da escola, fato que demonstra o interesse em incrementar as suas aulas e torna-as mais interessantes.

Em relação ao interesse demonstrado por parte dos alunos ao assistirem os vídeos exibidos durante as aulas, a maioria dos professores pesquisados (P2, P4, P5, P6, P7, P9 e P10) respondeu apenas “sim”, que os alunos demonstravam interesse pelos vídeos escolhidos e exibidos. Apenas os pesquisados 1, 3 e 8, não responderam monossilabicamente, afirmando o seguinte:

P1: Sim, mas é um grande desafio escolher os vídeos, pois, se o vídeo não deixá-los inteiramente envolvidos eles ficam dispersos. P3: Sim, pois são selecionados vídeos com uma linguagem adequada a cada faixa etária, abordando temas interessantes e que possibilitem uma integração com as disciplinas que abordam o tema apresentado no vídeo. P8: Sim, demonstram isso na conclusão das atividades propostas.

Pode-se perceber que a distinção existente nas respostas oferecidas pelos pesquisados, revela diferenças nos níveis de comprometimento dos professores, não somente no universo micro da escola-campo, bem como em todo o universo macro da rede estadual de ensino do estado do Amapá.

Tal comprometimento, refere-se aos cuidados na seleção de vídeos adequados ao planejamento do professor, pois, a utilização dos vídeos como

recurso pedagógico deve suscitar no aluno o interesse e não o tédio, como bem foi observado na fala do Pesquisado 3, pois, os vídeos selecionados pelo professor devem ter: “[...] *uma linguagem adequada a cada faixa etária, abordando temas interessantes e que possibilitem uma integração com as disciplinas*”.

Questionados sobre quais atividades os professores realizam em sala de aula depois que utilizam os vídeos, todos os professores pesquisados relataram que realizam conversas sobre o vídeo assistidos pelos alunos, sendo que a maioria deles, realiza outras atividades além da conversa, tais como pode-se observar nas respostas de alguns dos pesquisados a seguir:

P1: Diversas, como dialogar do filme, fazer analogias com situações vividas, sempre pinçar do vídeo exemplos para os nossos debates. P4: Nós conversamos a respeito e depois partimos para a prática com desenhos, pintura, recorte, colagem, dobradura... P3: Em sala de aula, se integra com as disciplinas o vídeo que foi assistido, realizando atividades orais e escritas, debates, produção de textos. P5: Com aulas dialogadas e desenhos. P7: Conversa informal, atividade xerocopiada.

Como se pode observar, a maioria dos professores não está preparado adequadamente para utilizar os recursos tecnológicos disponíveis na escola, apesar de todo investimento dos governos, principalmente o federal, haja vista que a utilização das tecnologias, hoje, está inserida nas exigências demandadas pela contemporaneidade, pois, não se pode negar que em tão pouco tempo, nunca houve tantas informações e conhecimentos disponíveis para dar base ao trabalho docente na escola.

É importante destacar que, nas metas e objetivos do Plano Nacional de Educação, objeto da Lei nº 10.172/2001, de 09 de Janeiro de 2001, está assegurado às escolas públicas de educação básica, o acesso universal à televisão educativa como a TV Escola, bem como a outras redes de programação educativo-cultural, além do fornecimento de todos os equipamentos necessários para isso, visando a promoção da sua integração no projeto político pedagógico das escolas contempladas.

Isso significa que a escola não está alheia às mudanças e, diante da verdadeira invasão das novas tecnologias da informação e comunicação nas escolas em face do incentivo governamental, exige-se dos professores uma nova postura em relação à prática docente no sentido de conhecer novas formas de aprender, de ensinar, de se comunicar para produzir e reconstruir os conhecimentos,

visando a formação de cidadãos verdadeiramente preparados para viver e conviver no meio social, com plenas possibilidades de transformá-lo.

No que tange à preparação das aulas com vídeos, bem como ao acompanhamento dos alunos, foi questionado aos professores se eles assistem os vídeos escolhidos antes de exibí-los aos seus alunos e, ainda, se eles acompanham os mesmos durante a exibição dos filmes. A maioria respondeu que “não” e “às vezes” como se observa nas respostas dos pesquisados 2, 3, 5, 6, 8, 9 e 10:

P2: Às vezes sim, outras não. P3: Muitos vídeos já são conhecidos e outros assisto aos vídeos. P5: Sempre que possível, outras vezes eu peço a opinião dos colegas. P6: Não. Porque em sua maioria, os vídeos já são do meu conhecimento. P8: Às vezes sim, quando ainda não conheço, mas em outras vezes não. P9: Às vezes, procuro a opinião de quem já assistiu. P10: Às vezes, mas quando não assisto procuro a professora para uma orientação.

Somente os pesquisados 1, 4 e 7 declararam que se preocupam em assistir aos vídeos antes de exibí-los aos seus alunos, conforme o que se pode acompanhar a seguir:

P1: Sim, uma vez somente trouxe um filme por me guiar pela crítica em suplemento de cultura e a lição ficou. Não passo mais sem assistir o filme completamente. P4: Procuro assistir, até porque temos que conhecer para poder cobrar. P7: Sim, para saber em que momento ele será utilizado em meu planejamento e como vou explorá-lo.

Em relação ao acompanhamento dos alunos durante a exibição dos filmes na sala de vídeo, a maioria dos professores pesquisados respondeu que “acompanha” seus alunos durante a exibição dos vídeos, com exceção dos pesquisados 5 e 6 que declararam que: “P5: *Algumas vezes, no momento uso esse horário para planejamento. P6: Algumas aulas eu deixo sobre a responsabilidade da professora da sala de vídeo*”.

O planejamento das aulas é um dos aspectos de fundamental importância para o sucesso do processo de ensino, pois, significa que os objetivos propostos no mesmo foram alcançados. Diante disso, é muito difícil acreditar que as referidas aulas sejam bem sucedidas haja vista que é indispensável que o professor assista ao vídeo escolhido para utilização em uma determinada aula.

Além do mais, é igualmente inadmissível que o professor regente não acompanhe os seus alunos durante a exibição de um vídeo em face do controle da disciplina da turma na sala; da observação do interesse dos alunos pelo vídeo; da

necessidade de intervenção em algum momento, bem como a resolução de qualquer tipo de problema que, porventura, surja durante a aula.

Isso fica bem evidenciado na fala de alguns dos pesquisados, como se pode perceber a seguir:

“P3: ...para fazer as intervenções necessárias no momento do vídeo, ressaltando aspectos importantes e esclarecendo dúvidas. P4: Sim, é importante que eles que o vídeo assistido faz parte da aula e que será cobrado posteriormente. P8: Sim, pois observo o acompanhamento deles no decorrer do vídeo. P10: Sim, para observar o interesse dos alunos”.

O simples ato de exibir um vídeo sem uma finalidade especificada e planejada, caracteriza uma falta grave de profissionalismo, competência e até de vontade por parte do professor que adota tal procedimento. O docente deve explorar todo o potencial pedagógico que esse recurso encerra em si.

Diante da má utilização do vídeo por alguns professores, Moran (1995), chama a atenção para situações onde o vídeo como recurso pedagógico pode ser utilizado de maneira errônea, tais como: para cobrir a falta do professor; exibição de vídeos sem relação com a matéria estudada; utilização constante desse recurso nas aulas, sem a menor discussão do conteúdo do mesmo.

Nesse sentido, Moran (1995), afirma que “essas práticas desvalorizam o uso desse recurso, diminuem a sua eficácia e provocam empobrecimento das aulas”. Além disso, o uso dessa ferramenta em todas as aulas pode banalizar esse recurso tão rico e interessante.

Retomando a análise das respostas dadas pelos pesquisados, quando se perguntou sobre quando e como os mesmos fazem a intervenção após a exibição do vídeo, todos os pesquisados responderam que fazem atividade de intervenção, sendo que a maioria deles opta por comentários e debates sobre o vídeo após a sua exibição. Tal afirmação pode ser vista nas falas transcritas mais a frente:

P1: O mais natural possível, pois as vezes a formalidade de perguntas e obrigatoriedade do debate desestimula. P2: Com certeza... os relatos partem dos próprios educandos. P3: Sim, durante o vídeo e em sala de aula, com atividades complementares, integrando os conteúdos aos vídeos. P4: Sim, a intervenção depende do que será explorado, pode-se fazer antes ou depois. P5: Sim, em alguns casos dá pausa e comenta-se, em outros a abordagem é em sala. P6: Faz-se o comentário através de atividades orais. Relacionando com o que já foi trabalhado ou com o que ainda se vai trabalhar em sala de aula. P7: Sim, algumas vezes durante o filme e outras na socialização do mesmo. P8: Sim, através de bate papo no grupão, ouvindo sugestões e ouvindo as descobertas feitas por eles (alunos). P9: Sim, após o filme conversamos sobre o mesmo, explico e os alunos

comentam. P10: Sim, através de comentários, opiniões e atividades escritas.

Existe, porém, contradições no processo de intervenção, haja vista que em respostas anteriores, alguns professores pesquisados relataram que nem sempre acompanham seus alunos durante a exibição do vídeo, deixando a tarefa sob a responsabilidade da professora da sala de vídeo, como pode ser visto nos relatos dos pesquisados 5 e 6: *“P5: Algumas vezes, no momento uso esse horário para planejamento. P6: Algumas aulas eu deixo sobre a responsabilidade da professora da sala de vídeo”*.

Esse fato acaba por inviabilizar uma intervenção adequada e efetiva, pois, questiona-se como realizar uma atividade derivada de uma ação pedagógica que não foi acompanhada em sua inteireza. Não obstante, encontra-se o objetivo da escola em fazer com que seus alunos possam conhecer outras realidades e culturas, usando como meios os recursos que são colocados à sua disposição, transformando-os em cidadãos críticos e conscientes de seu papel no meio social.

Colaborando com esse raciocínio, a própria legislação brasileira, através da Lei N° 9.394/96, de 20 de dezembro 1996, que dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelece em seu artigo 32 – item II, que o aluno do ensino fundamental, deve ser levado a compreender o seu ambiente natural e social, o sistema político, a tecnologia, as artes e os valores em que se fundamenta a sociedade, conforme o seguinte:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006) [...] II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

Dessa forma, os vídeos educativos podem favorecer não só o desenvolvimento da percepção artística por meio do uso de imagens, textos, sons, movimentos, cores, cenários além de relações espaciais, como também promover a integração das tecnologias em seu cotidiano escolar, valorizando a cultura local e regional por meio do entendimento de aspectos naturais, sociais, políticos e dos valores da sociedade brasileira, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Quanto à opinião dos pesquisados sobre a importância do vídeo como recurso estratégico para a compreensão dos saberes construídos pelos alunos, todos reconheceram o potencial pedagógico do recurso audiovisual, como pode se verificar nas respostas transcritas abaixo:

P1: A riqueza vocabular, visual são grandes cúmplices da aprendizagem de meus alunos e na minha. P2: Considero relevante este tipo de recurso, pois a estratégia de uma metodologia precisa ser diversificada. P3: Sim. Podendo ser utilizado para introduzir um tema, para fixar melhor aspectos importantes através de vídeos. P4: Com certeza, o audiovisual é a maneira mais fácil para fazer comparação com a teoria. P5: Sim, pois é mais uma ferramenta para eles assimilarem o que foi administrado em sala. P6: Sim. Em sua maioria os vídeos são dinâmicos e atraentes. Facilitando a compreensão dos conteúdos. P7: Sem dúvida, pois visualizando fica melhor a compreensão do aluno. P8: Sim, pois quando ouvimos e vemos, o interesse se torna mais intenso, é do hábito deles terem contatos com esses recursos (vídeos). P9: Com certeza. Só vem contribuir para o aprendizado das nossas crianças. P10: Sim, é um recurso que chama a atenção para a concentração dos alunos.

As respostas dos professores reforçam o quanto o vídeo como recurso auxiliar de ensino possui importância dentro do processo de ensino, pois dinamiza as aulas, despertando o interesse dos alunos em virtude de suas características únicas como os sons, cores e movimentos.

Fechando o bloco de análise dos dados coletados na pesquisa por meio do questionário dirigido aos professores, no que concerne aos critérios que eles usam para selecionar os vídeos, os pesquisados responderam que:

P1: [...] qualidade vocabular, informações científicas e/ou que seja de arte. P2: Vídeos interessantes que tenha haver com a série e que possa contribuir de fato com o conhecimento. P3: Linguagem acessível à faixa etária, relevância do tema abordado, duração do vídeo. P4: A escolha ocorre de acordo com a disponibilidade de vídeos, daí faz-se a relação com a teoria trabalhada. P5: Uma linguagem fácil e divertida. P6: Conversamos, eu e a professora da sala de vídeo sobre os assuntos e desta maneira é escolhido o vídeo. P7: De acordo com o planejamento mensal e semanal. P8: Que tenha como base o conteúdo que estou administrando na sala de aula, ou seja, um assunto de interesse coletivo. P9: Que não seja muito longo, fácil linguagem, bom som e imagem. P10: Faixa etária, som, imagem e que não seja muito longo.

De fato, poucos profissionais sabem trabalhar com recursos como o vídeo em suas aulas, haja vista que os mesmos não sabem eleger critérios para escolher vídeos adequados aos conteúdos que devem ser lecionados. As respostas mostram que a maioria dos pesquisados não considera o tempo de duração, a questão da linguagem contida no vídeo que foi mencionada por apenas três dos pesquisados,

além da relação que o vídeo deve ter com o tema a ser trabalhado, entre outros aspectos.

Quanto à utilização de recursos audiovisuais em reuniões pedagógicas e encontros de formação continuada como forma de incentivo por parte do serviço técnico pedagógico da escola-campo, a maioria dos pesquisados, com exceção dos pesquisados 3 e 6, respondeu que a escola não faz uso de tais recursos em suas reuniões e, muito menos oferece encontros para formação continuada, como podemos ver nas falas de alguns pesquisados: *“P1: Não temos encontros de formação, acredito que devemos ter em breve, pois a importância é indiscutível... P5: Não, talvez não se tenha percebido a importância desse recurso. P7: Não, até a presente data ainda não participei de encontros que utilizassem os recursos com esse propósito”*.

Para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem sucedido é necessário que haja o envolvimento de todos os atores que compõem a escola, ou seja, todo o conjunto de professores, corpo técnico pedagógico e gestores unidos com o objetivo de desenvolver atividades que se complementem para promover a educação, além da colaboração da família.

Baseada no modelo de pesquisa-ação e, diante da constatação de problemas observados em relação à utilização inadequada da TV e do vídeo por muitos professores, a autora promoveu estratégias interventivas através de conversas e atividades, no sentido de melhorar o uso de vídeos por parte dos professores em suas aulas com esse recurso.



Fotografia 04: Momento da intervenção realizada pela professora da Sala de Vídeo.

Além disso, buscou-se maneiras de incentivar o uso das ferramentas tecnológicas, em especial dos vídeos, por parte dos professores, através da fixação em um mural, próximo à sala de vídeo, de filmes e programas disponíveis no acervo da sala de vídeo que podem ilustrar as aulas dos professores em diversas disciplinas. Criou-se também, um livro de registro e controle das atividades desenvolvidas pelo ambiente da sala de vídeo com o objetivo de fazer todos os registros sobre as atividades desenvolvidas no ambiente educativo da Sala de Vídeo, onde constam informações como o nome do vídeo exibido, o objetivo pedagógico do vídeo, a avaliação e a atividade a ser realizada após o vídeo. Além disso, busca incentivar os professores a criarem uma rotina de planejamento e registro de suas aulas com vídeo.



Fotografia 05: Mural feito pela responsável da Sala de Vídeo contendo sugestões de vídeos.

Nesse sentido, os vídeos são escolhidos em conjunto com os professores regentes e a professora responsável pela Sala de Vídeo, como estratégia para melhorar o aproveitamento desse recurso pedagógico, na medida em que se promove a sua inserção adequada no planejamento das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe muitos esclarecimentos a cerca de questões que são, por muitas vezes evidentes, mas que necessitam de uma comprovação que somente a verdade científica, por intermédio de seus métodos e pautado dentro de um rigor científico podem conferir a qualquer campo ou área do conhecimento humano.

Nesse sentido, emprestamos os referidos requisitos para dar o mais sólido suporte teórico a presente pesquisa com o intuito de comprovar ou refutar as hipóteses levantadas no presente trabalho. Dessa forma, consubstanciamos todos os requisitos teóricos, metodológicos e práticos para a elucidação da problemática a partir de fundamentação em renomados teóricos da área educacional, além de pesquisa realizada na escola-campo com vistas à observação e coleta de dados.

Concluimos então, que o uso da TV e do vídeo como recursos auxiliares de ensino, possuem um potencial pedagógico muito grande se utilizados com critérios bem definidos, de forma metodológica adequada e planejada, visando atingir os objetivos propostos no planejamento do professor.

A pesquisa revelou também a falta de preparo dos docentes para o trabalho com as novas tecnologias da informação e comunicação, o que se deve em parte pela formação inicial dos cursos de licenciatura, uma vez que não formam os professores de maneira adequada e suficiente.

Além disso, constatou-se que os professores não participam de cursos de formação continuada com vistas ao preparo para o trabalho com as TIC's na escola e, por essa razão, acabam por subutilizar os recursos audiovisuais em suas aulas ou nem mesmo chegam a usá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubens. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 11ª edição. São Paulo: Cortez, 1987.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394/96**, de 20 de dezembro 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. **Lei nº 10.172/2001**, de 09 de Janeiro de 200. Plano Nacional de Educação.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1999.
- FELDMAN, Márcia. **TV na escola**: nem Deus nem o Diabo na Terra do Sol, *Presença Pedagógica*, v. 3, n.º 17, p. 16-23, Belo Horizonte, set./out., 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. S.P: Paz e Terra, 1970.
- GADOTTI, M. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo: Ática, 1987
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2000.
- GARCIA, Vera C. G. **Fundamentação teórica para as perguntas primárias**: O que é Matemática? Porque Ensinar? Como se ensina e como se aprende? In: *Revista Educação*. Vol. 32. nº 2. Porto Alegre, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?**: novas exigências educacionais e profissão docente. 13ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIMA, Paulo Gomes. **Formação de professores**: por uma ressignificação do trabalho pedagógico na escola/ Paulo Gomes Lima. – Editora EDUEFGD, 2010.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2007.
- MORAN, J. M. **O Vídeo na Sala de Aula**. Artigo publicado na revista **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.
- MORAN, J. M. **Aprendendo a viver**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas : Papyrus, 2000.
- MORAN, J. M. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. In: “Integração das Tecnologias na Educação”, páginas 96-100. Ministério da Educação. 2005.
- MORENO, Montserrat. **Temas transversais**: um ensino voltado para o futuro. In: BUSQUETS, Maria Dolores et. al. *Temas transversais em educação*: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1997.
- TORRES, Eduardo Cintra. **Ler televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- VALENTE, J. A. Formação de Professores: Diferentes Abordagens Pedagógicas. In VALENTE, J. A. (org). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED/UNICAMP, 1999

APÊNDICES

APÊNDICE I: Ficha de entrevista direcionada aos professores pesquisados.

Universidade Federal do Amapá-UNIFAP
Curso: Mídias na Educação – Ciclo Avançado
Cursista: Ivonete Souza Rodrigues Magalhães

Questionário para Professor

Pedindo gentilmente sua especial atenção ao questionário, responda às seguintes perguntas:

1- Você utiliza a sala de vídeo como recurso pedagógico? Quais os seus objetivos ao utilizá-la?

2- Em quais disciplinas você mais recorre ao uso do vídeo educativo?

3- Os alunos demonstram interesse em assistir vídeos escolhidos por você?

4- De que maneira você realiza a atividade em sala de aula após a utilização de vídeos?

5- Você assiste ao vídeo antes da utilização deste como recurso para as aulas?

6- Você acompanha os seus alunos durante a exibição dos vídeos na sala ambiente? Justifique a sua resposta.

7- O recurso audiovisual mostra-se estratégico para a melhor compreensão dos saberes a serem construídos pelos alunos? Justifique a sua resposta.

8- Você costuma fazer comentário sobre o vídeo com a turma? Em caso afirmativo, como ocorre a intervenção?

9- Quais os critérios utilizados por você na escolha dos vídeos? Justifique a sua resposta.

10- A escola em que você atua como professor (a) utiliza os recursos audiovisuais nos encontros de formação continuada em serviço. Justifique.

APÊNDICE III: Fotografia do mural junto à porta da Sala de Vídeo contendo as sugestões dos vídeos disponíveis no acervo da telessala, conforme o planejamento mensal.

